



**A REINVENÇÃO DOS MERCADOS? OS PROCESSOS DE
INCLUSÃO E EXCLUSÃO EXISTENTES EM
COLETIVOS/EMPRESAS ATUANTES NO MOVIMENTO SLOW
FASHION, NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

André Luciano Viana¹

Resumo: O artigo busca contribuir a respeito das discussões sobre a ressignificação do trabalho na contemporaneidade. Por meio desta afirmação, partimos com nossas inquietudes, amparados pela diversidade de práticas de enfrentamento ao sistema capitalista habitual. Embora vivenciemos uma época na qual as relações, ditas como fragilizadas por uma liquidez baumaniana, no mundo do trabalho ainda permanecem os mesmos vestígios descritos desde a metade do século XIX. O objetivo da pesquisa é analisar os indícios da onipresença de mercado, vinculados às iniciativas de coletivos/empresas atuantes no Movimento *Slow Fashion*, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Através de pesquisa bibliográfica e entrevista, chega-se à conclusão parcial da pesquisa, que corrobora com a compreensão de que essas novas organizações possuem em sua essência características da solidariedade, mas ainda podem manifestar-se processos de inclusão que poderão ser excludentes, e talvez, mesmo de forma inconsciente, contribuam com certa reprodução de um disciplinamento capitalista.

Palavras-chave: Trabalho. *Slow Fashion*. Inclusão

**THE REINVENTION OF MARKETS? THE INCLUSION AND EXCLUSION
PROCEDURES EXISTING IN COLLECTIVE / COMPANIES ACTING ON
THE SLOW FASHION, MOVEMENT IN THE METROPOLITAN REGION OF
PORTO ALEGRE**

Abstract: The article seeks to contribute to the discussions about the re - signification of work in the contemporary world. Through this affirmation, we set out with our concerns, supported by the diversity of practices facing the usual capitalist system. Although we live in an age in which relations, said to be fragile by a Baumanian liquidity, still remain the same vestiges described in the world of work since the mid-nineteenth century. The objective of the research is to analyze the signs of the omnipresence of the market, linked to the initiatives of collectives / companies operating in the Slow Fashion, Movement in the Metropolitan Region of Porto Alegre. Through a bibliographical research and interview, we arrive at the partial conclusion of the research, which corroborates with the understanding that these new organizations have characteristics of solidarity in their essence, but there may still be processes of inclusion that may be exclusive, and perhaps, even unconsciously, contribute with some reproduction of capitalist discipline.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social e também docente na Universidade Feevale – Novo Hamburgo, RS. Orientado por Acacia Zeneida Kuenzer; doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP.



Keywords: Work. Slow Fashion. Inclusion.

Introdução

Na atualidade, há demonstrações de enfrentamentos e novas intencionalidades nas perspectivas de movimentos sociais contemporâneos, representados nesta pesquisa, pelo “Movimento *Slow*” ou “Movimento Lento”, em nossa tradução literal, que, segundo Bauman (2015), são agrupamentos sociais que partem de uma tentativa de mediação do mercado, afastando-se do senso de utilitarismo e buscam uma sociedade mais equitativa na relação entre produção e consumo. Todavia o cuidado e a customização do processo produtivo também oneram custos e assim reiteram a ideia de que há um mercado, no qual o preço mais alto de um produto garantiria “um mundo sem desperdícios” para aqueles que possam usufruir-lhe, um fato que também deve ser problematizada ao pensarmos sobre as questões da inclusão excludente.

Embora vivenciemos uma época na qual as relações, ditas como fragilizadas por uma liquidez baumaniana, no mundo do trabalho persiste determinadas concepções que ainda detém a mesma perenidade muitas vezes criticada ao longo de décadas de contradições. Pois sabemos que existe um mercado sempre que possa haver algum tipo de comércio (pessoas que queiram comprar em contraposição àquelas que queiram vender), mas há muitas (novas) economias na plataforma de mercado, que se desenvolvem por meio de uma evolução espontânea ou necessária das atividades mercantis. São estas (novas) economias que buscam responder ao anseio de uma sociedade que não comporta mais simplesmente a tríade: emprego, trabalho e renda, pois se espera mais ações das indústrias na criação de maiores investimentos na área de sustentabilidade econômica e ambiental, ao mesmo tempo em que se exige maior participação e consciência do consumidor. Sendo assim, em razão dessas questões, o objetivo da pesquisa é analisar os indícios da onipresença de mercado, vinculados às iniciativas de coletivos/empresas atuantes no Movimento *Slow Fashion*, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Como aspectos metodológicos da pesquisa, a investigação é articulada a partir de estudo de caso, que segundo Gil (2002) ocorre quando há um procedimento racional e sistemático em que seu escopo é definido com o intuito de proporcionar respostas ao problema proposto. Busca-se identificar no universo pesquisado o contexto de



Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América

empreendimentos coletivos, que atuam sob a perspectiva do conceito de *Slow Fashion*, na Região Metropolitana de Porto Alegre. No entanto, a amostra utilizada para a análise deste estudo classifica-se como não-probabilística, selecionada por acessibilidade ou conveniência, que não possui rigor estatístico, quando o pesquisador seleciona elementos que tem acesso, admitindo que estes possam representar o universo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Em relação à amostragem, pode-se dizer que a Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA, segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2017), é a área mais densamente povoada do Rio Grande do Sul concentrando mais de 4 milhões de habitantes - 37,7% da população total do estado. Dela fazem parte nove dos dezoito municípios do RS com mais de 100 mil habitantes, com densidade demográfica média da região de 389,7 hab/km². Foi criada formalmente em 1973, composta inicialmente por quatorze municípios, todavia, os crescimentos demográficos resultantes principalmente das migrações internas, da interligação das malhas urbanas e das sucessivas emancipações, fizeram com que novas áreas fossem se integrando à região metropolitana, totalizando então, os atuais trinta e quatro municípios.

Até o momento, identificamos 16 grupos que trabalham na perspectiva do *Slow Fashion* na região. Em relação à técnica de coleta de dados utilizada, foi realizada a entrevista em um desses coletivos, que, segundo Prodanov e Freitas (2013), é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema, e optou-se pela entrevista não padronizada ou não estruturada, quando não existe rigidez de roteiro. Para a entrevista, foi definido quem deve ser entrevistado, o plano da entrevista, questões a serem perguntadas e o pré-teste, a fim de validar o modelo proposto.

Neste artigo, optou-se por apresentar-se como “Entrevistada 1”, sendo que a empresária não será identificada por seu nome verdadeiro, assim como seu coletivo não será revelado.

Sendo assim, a seguir apresenta-se após a introdução, uma breve sequência teórica, que possui a intenção de problematizar a ressignificação do trabalho na contemporaneidade e contextualiza-se o Movimento *Slow Fashion*. Logo, apresentam-se detalhes a respeito da entrevista realizada e por fim, as considerações parciais são expostas, assim como a lista de referências utilizadas.



1 As transformações no mundo do trabalho

A diversidade está presente em muitas esferas da sociedade, sendo relacionada aos diversos grupos, sejam eles étnicos, raciais, culturais, econômicos ou de gênero, tendo em vista o fato de ser um fenômeno com estudos relativamente recentes, mas que recebem atenção especial de pesquisadores e das políticas públicas propostas pelos governantes em muitos países. Esta mesma diversidade gera as diferenças, que fazem com que existam novas reconfigurações da sociedade, provocando uma heterogeneidade que se evidencia no próprio ambiente cotidiano de todas as relações sociais, sobretudo, ao refletirmos sobre os conceitos oriundos do mundo do trabalho.

As transformações sofridas pela sociedade contemporânea ao longo das últimas décadas têm impactado tanto nas formas de materialidade quanto na esfera da subjetividade, tendo em vista as complexas relações entre essas maneiras de ser e existir da sociabilidade humana (ANTUNES, 2009). Com base nas literaturas pesquisadas, as questões envolvidas neste enfoque, relembram também os contextos abordados por Marx e Engels (2002), quando comentam que a divisão do trabalho oferece o primeiro exemplo: a partir do momento em que os homens passam a viver na sociedade natural, desde que, se verifica uma cisão entre o interesse particular e o interesse comum, ou seja, quando a atividade não é mais dividida voluntariamente, mas de forma natural, a ação do homem transforma-se para ele em um poder estranho que se opõe a ele e subjuga-o ao invés de dominá-lo.

Nesse processo de construção de um conhecimento coletivo, os sujeitos ressignificam sua concepção de trabalho, de produção e de comercialização, e melhoram suas condições de inserção no mundo de trabalho, de uma forma menos subordinada ao capital. Ao mesmo tempo, apreendem as contradições impostas pelo mesmo capitalismo, que geram dificuldades e formas de enfrentamento, tendo em vista a manutenção de condições de existência mais dignas.

Kuenzer (1985) revela que em sua concepção geral, o trabalho pode ser concebido como o processo através do qual o homem transforma a natureza, os outros homens e a si mesmo, tendo em vista construir as condições necessárias à sua sobrevivência, não apenas como indivíduo, mas também como humanidade. Desse modo, o trabalho é um meio de transformação da natureza pela ação do homem e ao mesmo tempo, torna-se o



instrumento da emancipação dos sujeitos, pois possibilita a geração de renda. Desse modo, está intimamente ligado ao contexto econômico e à criação de um sentimento de pertencimento ao grupo, à sociedade, em distintos contextos nos quais trabalhadores e trabalhadoras estão inseridos.

Mas Singer (2002) acredita que existe a solidariedade na economia, embora só possa permanecer se idealizada a partir da organização igualitária pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou mesmo unir os recursos e que por isso, o objetivo da proposta é a associação entre iguais, ao invés da criação de contrato entre desiguais. Como por exemplo, na cooperativa de produção, que se torna um modelo da empresa solidária, todos os sócios têm a mesma

parcela de capital e, por decorrência, os mesmos deveres, conseqüentemente, os mesmos direitos de voto em todas as decisões, considerado como fundamento básico do processo. Assim, se essa empresa cooperativa necessitar de cargos específicos para seu gerenciamento, serão eleitos por todos os sócios e também todos serão responsáveis perante eles para que, como princípio norteador, não haveria competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham sua parcela de modo equitativo.

1.1 Por um movimento chamado Slow Fashion

O conceito do movimento tem inspiração no Movimento *Slow Food*, cunhado pelo jornalista italiano Carlo Petrini quando liderou uma série de ações contra a rede de restaurantes *fast food* McDonald's, na década de 1980, afirma Oliveira (2014). Aborda a contradição à rotina de vida acelerada nas relações pessoais e sociais, ou seja, através de uma trajetória mais *slow* [lenta], que contestaria a acelerada quantidade de tarefas do dia a dia, a superficialidade dos relacionamentos com a natureza e com o outro. A busca por uma vida mais *slow* abarca muitas terminologias, de ramos e atividades diferentes, angariando adeptos em todo o mundo à procura de uma qualidade de vida por meio de suas atividades cotidianas. E por isso, como parte efetiva da constituição do corpus de pesquisa e objeto deste estudo, selecionamos entre as várias possibilidades o Movimento *Slow Fashion*, em que busca-se produzir itens de vestuário de modo menos agressivo ao meio-ambiente, economicamente justo para quem produz e consome e com produção em



escala reduzida, uma ação contrária ao mercado *fast fashion* [moda rápida], de grandes redes varejistas, reconhecidamente considerado como um efetivo modelo mundial da intensificação na exploração da mão de obra contemporânea e incentivador ao consumismo.

O conceito, inspirado pelas ações de Carlos Petrini, foi cunhado pela pesquisadora inglesa Kate Fletcher em 2007 e busca traçar um paralelo entre a produção de moda sustentável, na busca de uma visão diferenciada, quando o prazer de se vestir é atrelado à responsabilidade socioambiental com a cadeia produtiva (FLETCHER, 2014, tradução nossa). Ganhou ainda mais notoriedade em 2013, com a criação do Movimento “*Fashion Revolution*”, um conselho mundial de lideranças na área de moda sustentável, que se uniram após o desabamento de uma fábrica de vestuário de grandes marcas no Edifício Rana Plaza, em Bangladesh, em abril de 2013, que deixou mais de mil mortos e milhares de feridos, expondo, de maneira cruel, as precárias condições de trabalho na indústria da moda. Após a breve contextualização teórico, a seguir, apresenta-se a entrevista realizada para o presente artigo.

2 Um reconhecimento contemporâneo: “algo que fizesse sentido pra mim”

Nesta seção, serão apresentados trechos entrevista realizada. A respondente, identificada como “Entrevistada 1”, foi convidada a refletir sobre sua trajetória de trabalho, conforme já delimitado na metodologia de pesquisa deste estudo.

Pensar sobre as trajetórias de trabalho, são sempre maneiras interessantes de perceber a própria história de vida, assim como de uma região, de um coletivo, que possibilitou determinados sentidos do trabalho em comum acordo, muitas vezes, com o tipo de manufatura que transformou o ambiente daquela localidade.

Nesse sentido, a Entrevistada 1, Designer de formação e pós-graduada, tem pouco mais de 30 anos. Desde 2015, é designer e proprietária de uma empresa que atua no ramo de vestuário, com produção em pequena escala, seguindo os princípios do *Slow Fashion*, na grande Porto Alegre. Ao ser questionada sobre suas experiências anteriores, comenta que atuou muito tempo no desenvolvimento de produtos de várias empresas de moda, sendo que a última experiência como funcionária, foi em uma empresa do segmento de *fast fashion*. “Especialmente durante esse período, eu me questionei muito sobre o propósito da minha profissão”. Ela ressalta esta posição, pois disse não ver



sentido no seu trabalho, quando desenvolvia coleções em quantidade muito grande de modelos que teria de “convencer as pessoas de que elas precisavam daquilo - isso sem falar em outras questões, como o tipo de mão-de-obra que é utilizado para fabricação dos produtos de *fast fashion*”.

Ao analisar seu relato, podemos perceber que a razão entre trabalho e profissão, na percepção da Entrevistada 1, somente existe através de um propósito de vida, uma relação ainda mais profunda que simples horas de trabalho. Percebemos que o termo *fast fashion* a incomodava, e que talvez, por sua profissão de origem criativa, ficasse ainda defasada pela necessidade de restrição ao ambiente imposto pela organização, já que menciona “Quando saí desta empresa, morei um tempo fora, onde tive contato com um mercado de *fast-fashion* ainda mais expressivo, e isso me chocou muito”.

Seu comentário demonstra a importância de perceber novas culturas, como prova de uma relação de mercado, e por isso, a vontade de trazer novos conhecimentos poderá, de algum modo, beneficiar sua relação com o trabalho, pois descreveu sua vontade de aplicar o conhecimento em “algo que fizesse sentido pra mim me fez procurar empresas e pessoas que já estivessem produzindo e consumindo de forma responsável, o que me surpreendeu de forma positiva: descobri que várias empresas no mundo já estavam atuando dentro do sistema de *slow-fashion* e que os consumidores estavam começando a questionar as marcas (Movimento *Fashion Revolution*)”.

Ou seja, o sentido do trabalho, para a Entrevistada 1, foi na verdade, um modo de perceber o quanto ela poderia fazer algo pelo mundo, mas também como o mundo poderia igualmente representar uma certa leveza, se pudéssemos aproximar a ideia de Lipovetsky (2016) e, no caso da participante, foi o próprio Movimento *Fashion Revolution* uma motivação para essa mudança.

E ainda complementa, quando diz que “Foi então que eu percebi que estava na hora de ter um negócio próprio, que fosse pautado pelas questões nas quais eu acreditava: produtos atemporais, matérias-primas eco-friendly, mão de obra justa, etc.” Por isso, percebe-se que acreditar em algo que tenha sentido, também é uma forma, como relata Sennett (2013), que a experiência – contida na caixa – possa gerar maior qualidade no trabalho realizado, ou seja, a própria vontade de fazer algo. Esse relato, manifestado na primeira exploração das ideias apontadas pela Entrevistada 1, está abarcado na Categoria que revela as trajetórias de vida no mundo do



trabalho, pois esta empreendedora, deixa evidente que pretende uma mudança na sua relação com o trabalho a partir de suas próprias convicções.

A seguir, apresentam-se as considerações parciais desse estudo.

Considerações parciais

Podemos afirmar que as discussões a respeito do mundo do trabalho já fazem parte de nosso cotidiano, mesmo que seja a partir de uma perspectiva mecanizada e não, de fato, reflexiva. A relação entre trabalho e emprego, seu significado e ressignificação afetam diretamente as mais diversas áreas de estudo, pois fazem parte do cotidiano da sociedade contemporânea. As reflexões até aqui discutidas na pesquisa nos fazem perceber a importância do tema, pois têm relação com a contemporaneidade.

Embora estejamos, neste momento, apenas com algumas compreensões parciais em relação à análise dos dados, podemos, mesmo assim, considerar que o caminho percorrido pode auxiliar na concretude de nossa tese, que conforme destacamos anteriormente, consiste na problematização a respeito da ambiguidade entre os valores fundamentais da ressignificação do trabalho na contemporaneidade e as novas práticas de enfrentamento ao capitalismo. Essas ações tangenciam as premissas que possibilitam a criação de valor compartilhado pelos coletivos/empresas atuantes no Movimento *Slow Fashion*, mas trazem indícios que estão presentes nos mecanismos subjacentes às transações de mercado intrínsecos no mundo do trabalho, mesmo em organizações consideradas econômica e socialmente inclusivas em sua essência, de modo a visualizar a contradição existente no capitalismo e, conseqüentemente, a reinvenção de um mercado.

A criação de um valor compartilhado por parte dos coletivos/empresas que trabalham amparados nas diretrizes do Movimento *Slow Fashion*, tornou-se evidente até o momento, contribuindo, inclusive com a análise a partir das perspectivas sobre as diferenças no mundo do trabalho. No entanto, nossa preocupação também reside na existência de possíveis indícios do sistema capitalista presente nas observações do discurso publicitário, na observação dos locais de comercialização e até mesmo, nas entrevistas realizadas. E a ressignificação do trabalho reside na preocupação de fazer algo que tenha melhor sentido na vida do sujeito. Mas acreditamos e reiteramos, que são iniciativas como essas, presentes no *Slow Fashion*, que poderão, a certa medida, facilitar as relações entre produção e consumo, conseqüentemente, fazer com que o homem vença



Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América

a natureza e assim, produza objetos que possam melhorar a sua vida, principalmente, coerentes com o propósito de vida desejado.

Comtempla-se, também, que este estudo integra um dos eixos de discussão de uma tese, com o intuito de problematizar a temática das relações de trabalho do Brasil na contemporaneidade, e ambiciona contribuir na discussão a respeito dos processos de inclusão e exclusão pelo trabalho e ressalta a diversidade existente em práticas de enfrentamento ao capital e seu impacto nos modos de vida dos sujeitos que buscam a autonomia a partir de perspectivas associativas.

Referências

ANTUNES, R. L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. [2. ed., rev. ampl.]. São Paulo, SP: Boitempo, 2009. 287 p.

ATLAS SOCIECONOMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rmpa>>. Acesso em: 1 Abr. 2019.

BAUMAN, Z. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** [tradução Renato Aguiar]– 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015

FLETCHER, K. **Sustainable Fashions & Textiles - Design Journeys**. Ed. Earthscan. Londres, Inglaterra, 2014.

GAUDENCIO FILHO, Pedro; BASTOS, Ana C. N; GOUVEIA, Alessandra B de M. A reforma administrativa estatal e os efeitos do princípio da eficiência na vida laboral dos servidores públicos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. Criciúma, v. 6. n. 9, 2020

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUENZER, A.Z. **Pedagogia da fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo, Cortez, Autores Associados. 1985.

LIPOVETSKY, G. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso; [tradução Idalina Lopes] - Barueri, SP: Manole, 2016.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.

OLIVEIRA, D. C. **Comida, carisma e prazer: um estudo sobre a constituição do *Slow Food* no Brasil**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2014.



Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América

PRODANOV, C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico /. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 11 Jun. 2019.

SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2013.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. de S. S. et al. **Produzir para viver**: os caminhos da produção não-capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.